

O que mudou nas PRAXES... com a tragédia do Meco?

Não se falou de outra coisa durante semanas e semanas. Até meses, sendo que ainda há notícias hoje sobre o tema. Sete jovens universitários trajados foram engolidos por uma onda no Meco na madrugada de 15 de dezembro de 2013. Apenas um sobreviveu. Muitos disseram que eram praxes. Outros apontaram apenas convívio. Agora, no regresso às aulas, o **mu** foi saber de que forma uma tragédia como esta afeta as praxes e a forma como os nossos caloiros olham para ela.

O burburinho das pessoas novas. Os caloiros de cara pintada. Os veteranos trajados a rigor. As ordens e os constrangimentos. A integração ou a vergonha. Há os que são a favor, defendendo que é assim que todos se ficam a conhecer. E há os que falam em excesso de poder e que "isto não pode continuar". O **mu** andou pelas Faculdades a sentir o pulso nas Associações de Estudantes, que afinal, conhecem bem os alunos.

Paremos então na Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto (FCNAUP). "A nossa Associação de Estudantes (AE) apoia esta prática, chegando mesmo a associar-se a ela em determinadas atividades. Aliás, existem elementos da AE que assumem papéis preponderantes na praxe desta casa, sendo que foi criada uma estreita ligação entre ambos", começa por dizer Sérgio Pita Antão, secretário de direção da AEFNAUP. "A praxe de nutrição tem o intuito de promover a integração dos novos estudantes e fortalecer os laços com todos os colegas do curso, não menosprezando nunca e em nenhuma

sume uma "posição neutra" no tema: "A AE, como é seu dever, representa todos os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (praxistas e não praxistas). Seria inadequado da nossa parte tomar partido." Sobre a tragédia do Meco, João Carlos Assunção acrescenta: "É inegável que (...) influenciou de algum modo a praxe académica, não só na nossa Faculdade/Universidade, como em todo o País. Não cremos que se possa afirmar que existam alterações de fundo nos ritos e tradições que compõem a praxe, derivadas exclusivamente do acidente em questão. cremos, sim, que a morte de estudantes universitários, nas circunstâncias em que aconteceu, deve implicar uma reflexão sobre os contornos em que se participa das tradições académicas", afirma. Ainda na UP, mas agora na Faculdade de Ciências, encontramos Carlos Coelho, presidente da direção da AEFUCUP. "A nossa Associação de Estudantes defende os interesses de todos os estudantes da Faculdade de Ciências (...). Da mesma maneira, defende os interesses dos estudantes que pertencem à "praxe académica" e dos que escolhem não pertencer. Não apoiamos nem somos contra a praxe académica. A AEFUCUP não intervém desde que tudo seja feito de maneira a que não haja prejuízo dos direitos ou da dignidade de um indivíduo, mais concretamente, de um estudante universitário", diz ao **mu**.

Estudantes sensibilizados com o tema

Paulo Silva, presidente da direção da AE de Psicologia da Universidade do Minho (UMinho) afirma que o caso dos jovens que morreram no Meco "abalou, como é natural, todos os estudantes do País que viveram todo esse acontecimento por empatia". "De outra forma, estes acontecimentos, que alegadamente envolvem a praxe, sensibilizaram os estudantes no que diz respeito à forma como levam a cabo as atividades de praxe o que levou, por exemplo, com que as chamadas "Comissões de Praxe" tomassem algumas precauções na segurança dos estudantes participantes das suas atividades, como por exemplo andarem sempre acompanhados de um kit de primeiros socorros, por precaução, caso haja algum incidente", refere.



Foto de arquivo Henrique Casinhas



Foto de arquivo Henrique Casinhas

circunstância os estudantes que optam por não fazer praxe", diz ainda acrescentando que nunca se depararam "com situações menos agradáveis ou que pusessem em causa a integridade física e/ou psicológica de qualquer estudante". Face aos acontecimentos do Meco a Comissão de Praxe divulgou um comunicado a dar o seu parecer relativamente ao sucedido e a esclarecer quais os princípios pela qual se rege. Continuamos pela UP, mas agora paramos na Faculdade de Direito. O vice-presidente começa por dizer que a AE as-

Carlos Alberto Videira, da Associação Académica da UMinho continua: "A AAUM reconhece um papel relevante à praxe no âmbito das tradições académicas e da integração e inclusão dos novos alunos. Nesse sentido, a participação na praxe é tida como uma decisão individual que deverá ser respeitada por toda a comunidade académica. Por sua vez, a não participação na praxe não deverá constituir motivo de



Foto de arquivo Henrique Casinhas

segregação e nenhum estudante deverá ser coagido a aderir à praxe." "Penso que o respeito pela liberdade é a palavra chave quando se aborda este tipo de questões", avança. "Há um conjunto de diretrizes que foram passadas às comissões de praxe e nas quais a AAUM se revê. Há uma preocupação para que as praxes não perturbem o normal funcionamento da Universidade e um maior cuidado no tipo de praxes que são feitas de forma a nunca colocar em causa

O Ministério da Educação já recebeu 32 denúncias de abusos em praxe e que 18 estão a ser investigadas, revelou a semana passada o secretário de Estado do Ensino Superior José Ferreira Gomes.

a segurança pessoal de todos os envolvidos. Mas isso é um trabalho que já vem sendo feito de algum tempo a esta parte, muito antes da situação que aconteceu na praia do Meco", explica ainda.

Descemos até Lisboa. Márcio Fazenda, presidente de direção da AEISCTE-IUL, afirma que esta associação "reprova qualquer prática que coloque em risco a integridade física ou psicológica de um aluno universitário". "Qualquer atividade de praxe que ponha em risco um estudante deve ser reportada", diz ainda, acrescentando, contudo, que no ISCTE "nunca houve casos de praxe violenta e nunca foi reportado algum tipo de abusos". Sobre a tragédia do Meco refere que a "comunicação social encontrou no caso uma forma de potencializar o assunto da praxe e criminalizar qualquer questão que envolva o traje académico". "A criação de email [ver caixa] para reportar abusos foi uma boa iniciativa, mas temos pena de que estas iniciativas só tenham sido criadas pela forma como a comunicação social explorou um caso que ainda hoje não sabemos se envolveu praxe académica", conclui.

Elísio Estanque, sociólogo, professor da Universidade de Coimbra; investigador do Centro de Estudos Sociais

"Ainda é cedo para se saber se o que mudou nos comportamentos é algo definitivo ou apenas conjuntural. É certo que a mediação desse caso se propagou a toda a sociedade, chegou junto das famílias que têm filhos nas universidades, etc., e isso poderá ter sensibilizado os jovens em geral,



Foto de arquivo Henrique Casinhas

quer os novos ingressados quer os 'doutores' que já frequentam o ensino superior. Porém, é duvidoso que isso corresponda a uma real consciencialização acerca dos abusos da praxe, sobretudo no que respeita à questão da violência e da cultura profascista que ela em geral veicula. Os valores retrógrados e o estímulo ao exercício do poder, ao livre arbítrio do poder do mais forte, ou seja, o autoritarismo antidemocrático e os jogos imbecilizantes continuam o seu livre curso junto das novas gerações de adolescentes, de que são exemplo as brincadeiras perigosas como o 'jogo do desmaio', e florescem nas escolas. Por outro lado, para se entender o porquê dos excessos da praxe importa considerar o efeito das 'dinâmicas de grupo' no contexto de 'recepção' aos jovens que acabaram de 'aterrar' num ambiente para eles ainda pouco familiar (os caloiros), no qual desejam integrar-se e de que receiam ser ostracizados do grupo, isto é, da coletividade para a qual se dirigem e desejam abraçar. Encontram-se numa situação de vulnerabilidade e para serem aceites e reconhecidos sabem

que têm de demonstrar uma "lealdade" incondicional. A sua atitude à chegada, a sua expectativa – em que se misturam a ansiedade, a ingenuidade, a vontade de integrar o grupo e o receito de serem, por um lado, agredidos e, por outro, rejeitados e objeto de chacota – prestam-se bem ao recrudescimento dos exageros e da violência (simbólica e física). Convém ainda não esquecer que, regra geral, os rituais praxistas ocorrem na sequência de encontros, festas, jantadas onde o excesso de consumo de álcool é um elemento impulsionador da irracionalidade e da excitação coletiva. Em suma, de momento, parecem pairar ainda no ar os ecos da tragédia do Meco (associada à praxe) o que serve de alerta para as autoridades universitárias, professores e eventualmente para os próprios estudantes. Daí talvez alguma contenção. Creio, todavia, que se trata de uma situação passageira. É tempo de as universidades (incluindo as próprias associações de estudantes) apostarem em ações sistemáticas de sensibilização, de travagem e de combate repressivo a todo o tipo de abusos associados às praxes académicas."

VOX POP CALOIROS

BI Sara Ferreira, 18 anos
1.º ano Gestão de Eventos
Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar

1. As praxes na minha universidade não são as piores. Já ouvi falar numas que nem se comparam a estas. Foram puxadas, mas não violentas. Fizemos desde jogos deitados no chão a pulos de galo, tínhamos de nos deitar na lama para fazer o efeito granada e cantar muito as canções do curso.
2. Foi um bocadinho assustador visto que eu ia entrar na faculdade no ano seguinte. Já não era grande fã de praxes e com isso que aconteceu fiquei ainda mais assustada. Mas como não se pode dizer que não se gosta sem experimentar, lá fui, mas de facto não gostei, deixei de fazer e ninguém me castigou por isso.
3. Sim, de todo! Ainda por cima porque vim para uma universidade longe de casa e tive de arrendar um quarto, ou seja foi uma mudança repentina. Mas acho que me vai fazer crescer! Mas apesar de as praxes na minha faculdade não serem muito violentas, pelo menos do que eu experienciei, acho que existe uma desculpa muito banalizada: a integração! A integração faz-se com o tempo, com o conhecer melhor os colegas sem andarmos todos a rastejar na lama e a encher.



BI Inês Santos, 18 anos
1.º ano de Jornalismo
Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)



BI João Torres, 18 anos
1.º ano Gestão na Faculdade de Economia
Universidade Nova de Lisboa
(Nova School of Business and Economics)

1. Gostei muito das minhas praxes, achei que foram uma ótima forma de me integrar já que conhecia muito pouca gente no curso. As praxes não têm nada de exagerado, que nos envergonhe ou nos rebaixe em demasia. A verdade é que não fomos obrigados a fazer nada. Aliás, os próprios trajados (alunos que nos praxaram), repetiam continuamente que podíamos sair a qualquer momento.
2. Penso que se tratou de um caso pontual. Os participantes da praxe não agiram de forma responsável e, como tal, deu para o torto. Não concordo com a generalização que agora é feita que as praxes não devem ser feitas, são exageradas e que porque aconteceu uma vez, vão acontecer muitas mais.
3. Se fiquei assustado por causa das praxes, a resposta é não. Estava ansioso e nervoso por deixar o conforto do secundário, onde tinha amizades sólidas e estava perto de casa. Estou agora na 3.ª semana da faculdade e devo dizer que estou a gostar bastante. A faculdade é muito boa, e há muita gente disposta a ajudar-nos a ultrapassar as dificuldades que nos são impostas.



BI Sara Teixeira, 19 anos
1.º ano de Gestão de Marketing
ISEG

1. Gostei muito da experiência de ser caloiro, achei que as praxes foram uma excelente forma de conhecer os colegas da faculdade e do meu curso. Confesso que ao início não estava muito convencida em ser praxada, mas depois alinhei nas atividades e no espírito da diversão, nunca fui obrigada a fazer nada que não queria, é uma experiência que vai deixar saudades certamente.
2. Penso que nem se tratou de praxes, mas sim de pura falta de responsabilidade e inconsciência. A história foi demasiado dramatizada por parte dos 'media', e passou uma má visão para todo o País do que realmente são as praxes na faculdade.
3. Não, no primeiro dia da recepção aos caloiros na faculdade estava bastante nervosa e confusa com a mudança do secundário para a faculdade, passei do pequeno para o grande mundo e essa passagem assustou-me um pouco ao início. Depois do segundo dia de praxe já estava muito à vontade!



1. As praxes foram muito simples e quem quisesse podia ir ou não, ou seja, não era obrigatório. Fizemos jogos simples, dançámos, cantámos, pintaram as nossas caras com o nome do nosso curso, a opção e a média com que entrámos. Estas pinturas foram feitas com batons e lápis antialérgicos e nenhum dos jogos envolveu nada que nos sujasse e que nos magoasse seja física ou psicologicamente.
2. Realmente não sei o que se passou lá... se era praxe ou não. Se for de acordo com o único sobrevivente, ele afirma que não era praxe e que estavam lá só a conviver. Se for

pelos 'media', que se envolveram no caso como se fossem a PJ, a primeira suspeita que tiveram foi que era uma praxe e até agora continuam a ter a mesma ideia, mas já afirmam que o único sobrevivente poderia ter saído da praia sem pedir auxílio. Neste caso, só digo algo mais exato quando os 'media' deixarem de fazer papel de polícia e quando houver uma certeza do que aconteceu naquele dia.
3. Assustada? Não. Fiquei muito ansiosa por começar as aulas, por conhecer colegas novos e professores, a faculdade, as cadeiras que vou ter neste semestre.